

**A notícia além dos olhos:
a experiência do Jornal A União em Braille sob a ótica de seus leitores**

*The news beyond the eyes:
the experience of the newspaper A União in Braille from the perspective of its readers*

Suely MAUX¹
Samuel Amaral Veras BONIFÁCIO²

Resumo

Ao abordar a experiência do jornal A União em braille, este artigo traz as opiniões de quatro leitores (dois cegos e dois com baixa visão) através de entrevistas abertas semiestruturadas em torno cinco eixos principais: importância; deficiências do jornal; periodicidade; destino dado ao impresso; e hábitos de leitura. Tratamos da exclusão das pessoas com deficiência visual do universo jornalístico, mesmo com o advento do Sistema Braille e com as barreiras à acessibilidade que continuam a existir na era digital do jornalismo, apesar dos avanços registrados. Diante deste panorama histórico excludente, o jornal A União em braille se apresenta como uma alternativa para o consumo de notícias por parte do público com deficiência visual, como prerrogativa de acesso à informação e construção da cidadania comunicativa.

Palavras-chave: Sistema Braille. A União. Acessibilidade. Jornalismo acessível. Pessoas com deficiência.

Abstract

To approach the experience of the newspaper A União in braille, this paper brings the opinions of two readers (two blind and two with low sight) collected through semi-structured interviews in five main axes: importance; weaknesses of the newspaper; frequency; destination given to the newspaper; and reading habits. We developed the exclusion of people with visual impairment in the journalistic universe, even with the advent of Braille and accessibility barriers that continue to exist in the Digital Age of Journalism, although the progress made. Faced with this historical excludent panorama, the newspaper A União in Braille presents itself as an alternative to consumption of news by the visually impaired public, as a prerogative of access to information and the construction of communicative citizenship.

Keywords: Braille. A União. Accessibility. Accessible journalism. People with disabilities.

¹ Pós-doutora em Estudos da Mídia (PPgEM) pela UFRN/PNPD/Capes (2015). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Professora da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: suellymaux@gmail.com

² Graduando do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: samuel.amaral95@gmail.com

Introdução

De acordo com dados do Censo de 2010 do IBGE, mais de 45 milhões de brasileiros declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, seja visual, auditiva, motora ou mental/intelectual, o que corresponde a 23,9% da população total. A deficiência mais comum é a visual, que atinge 3,5% dos brasileiros (BRASIL, 2012).

A Paraíba é o segundo estado país com maior percentual de pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas na pesquisa –27,76%, atrás apenas do Rio Grande do Norte, com 27,86%. A deficiência visual foi a que mais incidiu sobre os paraibanos. Dentre os entrevistados, 142.193 disseram ter “grande dificuldade para enxergar” e 8.477 se declararam cegos. Os números são significativos e apontam para a necessidade de se pensar em formas de inclusão e acessibilidade que sejam eficientes para este recorte expressivo da população.

No que se refere à comunicação, por exemplo, as barreiras são muitas. Historicamente, as pessoas com deficiência visual sempre estiveram à margem dos processos de produção/consumo de conteúdos noticiosos. O desenvolvimento do Sistema Braille, no século XIX, propiciou-lhes o ingresso no universo da leitura e escrita, mas não no universo jornalístico. Desde o surgimento da imprensa escrita, as pessoas com deficiência visual sempre dependeram da ajuda de terceiros para a leitura dos jornais, conforme lembram Cavalcante e Cirne (2017).

Apenas nos estertores do século XX, com o desenvolvimento do jornalismo digital, os deficientes visuais puderam acessar os conteúdos jornalísticos produzidos e distribuídos nas diversas plataformas da web. Ainda assim, muitas barreiras se interpõem à navegabilidade e usabilidade de portais e aplicativos noticiosos locais e nacionais, comprometendo o direito dessas pessoas ao acesso à informação e à constituição de sua cidadania comunicativa.

Neste contexto, desde outubro de 2017, o jornal A União disponibiliza mensalmente edições em braille, com notícias não factuais e artigos de opinião, de

modo a oferecer ao leitorado cego e de baixa visão³ uma opção de acesso a conteúdo jornalístico. Apesar de inédita na Paraíba, a iniciativa não foi a primeira experiência neste sentido no Brasil. Nos anos de 1990, os jornais Diário do Nordeste e O Povo, ambos do Ceará, foram os primeiros no país a disponibilizar exemplares em braille; em Pernambuco, o Diário de Pernambuco imprimia diariamente edições em braille, em 2008. Ambas as experiências ocorreram antes do surgimento e popularização dos dispositivos móveis, o que denota a preocupação daqueles veículos em reconhecer o leitorado cego como consumidor em potencial do conteúdo jornalístico.

O número de pessoas com deficiência visual na Paraíba e as dificuldades deste público em ter acesso aos conteúdos jornalísticos nas diversas plataformas de mídia justificam esta pesquisa, cuja metodologia consiste em pesquisa documental e bibliográfica e na realização de entrevistas abertas semiestruturadas com quatro leitores de A União em Braille (dois cegos e dois com baixa visão), realizadas em torno de cinco eixos temáticos: importância, deficiências do jornal, periodicidade, destino dado ao impresso e hábitos de leitura.

Sistema Braille: histórico e aplicação

A criação do Sistema Braille promoveu uma verdadeira revolução na vida das pessoas cegas. O método de leitura e escrita tátil foi desenvolvido por Louis Braille, em 1825, e é composto por seis (6) pontos em relevo, que, quando combinados, formam sessenta e quatro (64) sinais.

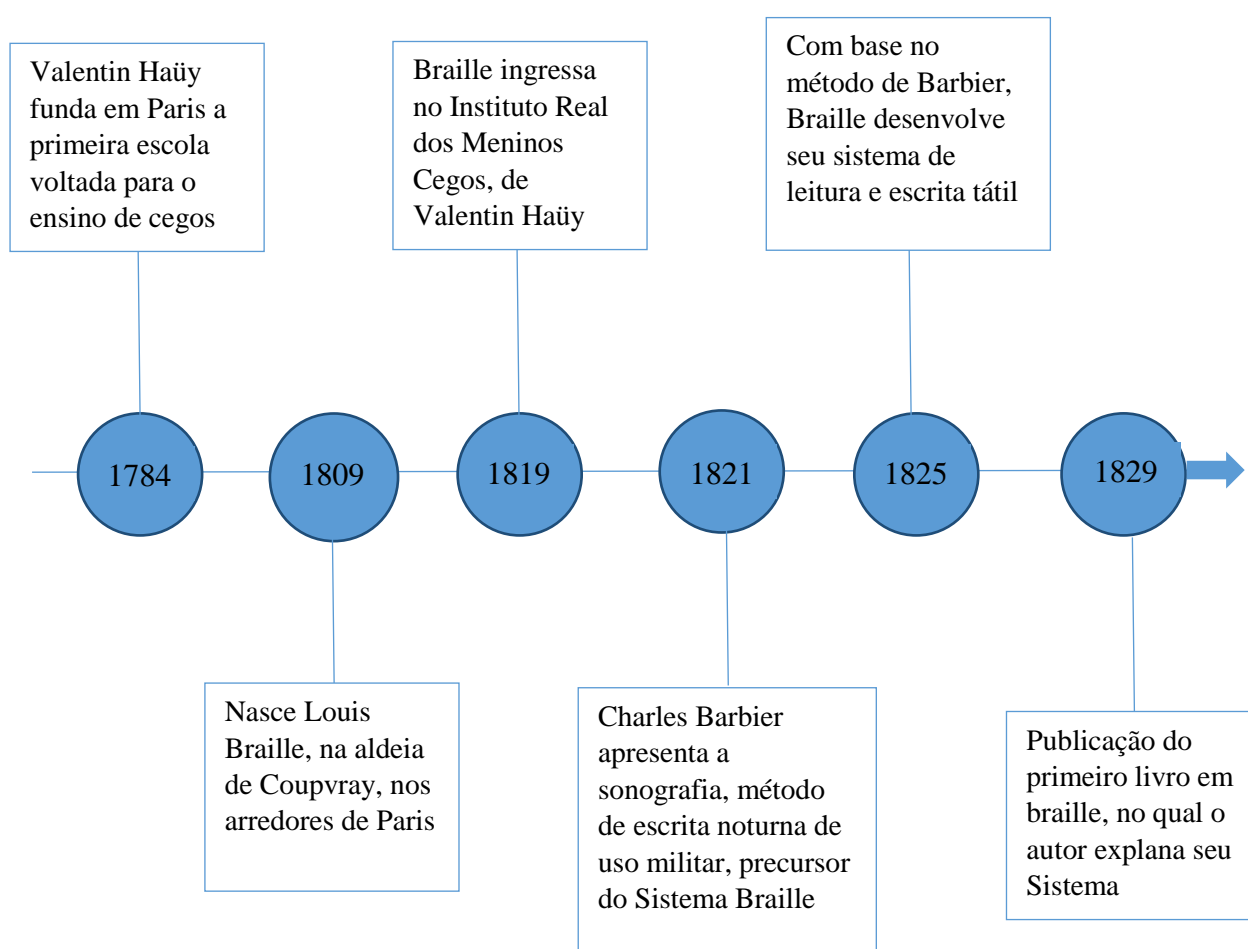
A escrita pontográfica deu importantes contribuições à inclusão social das pessoas cegas, na medida em que lhes abriu as portas para o acesso à cultura e ao conhecimento. O Sistema Braille evidenciou que a leitura através de pontos é mais adequada ao tato do que os métodos empregados até então na educação dos cegos, tais como a “gravação de letras em madeira, fabricação de caracteres móveis em metal e iniciativas com uma espécie de código cifrado, constituído por séries de nós dados em cordas e por pontos de variadas formas.” (SOUSA, 2015, p. 31). Ao abolir tais

³“A baixa visão, segundo o Conselho Internacional de Educação de Deficiência Visual - Organização Mundial de Saúde (OMS) é o comprometimento do funcionamento visual em ambos os olhos, mesmo após tratamento e ou correção de erros refracionais comuns.” (ARAÚJO, 2015, p. 16).

procedimentos, meros exercícios tipográficos, o braille possibilitou a sistematização do conhecimento, fazendo com que o visível se tornasse tangível aos cegos, nas palavras de Baptista (2000).

A linha do tempo a seguir ilustra de forma resumida a trajetória do surgimento e expansão do Sistema Braille no mundo.

Figura 1: linha do tempo do Sistema Braille



Fonte: Pesquisa direta.

Em 1854, o braille chegou ao Brasil, tendo como marco a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant. Outra referência nacional é a Fundação Dorina Nowill para cegos, fundada em 1946.

Na Paraíba, o Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha atua desde 1944 na educação e inclusão de pessoas com deficiência visual. A Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – Funad, órgão do Governo do Estado da Paraíba, vinculada à Secretaria de Estado da Educação também presta serviços as pessoas cegas, bem como o Núcleo de Educação Especial (Nedesp) e o Serviço de Informação ao Usuário com Deficiência (Siud), da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Pessoas cegas e o tema da acessibilidade no jornalismo

Guardadas as devidas proporções, o desenvolvimento do Sistema Braille pode ser comparado à outra invenção tida como revolucionária por alguns pesquisadores: o sistema tipográfico de Johann Gutenberg. Assim como a prensa de Gutenberg lançou as bases para a democratização do acesso ao saber entre os chamados videntes, contribuindo para racionalizar a cultura europeia, conforme aponta Souza (2008), a criação do Sistema Braille também permitiu aos cegos uma maior participação na vida social e cultural.

No entanto, a impressão comum e o braille guardam evidentes distinções entre si. Desta forma, a inclusão dos cegos no processo de leitura e escrita não necessariamente se estendeu ao Jornalismo. Enquanto a prensa de Gutenberg contribuiu “para o aparecimento e para o sucesso da indústria jornalística” (SOUZA, 2008, p. 69), as pessoas cegas continuaram à margem dos processos de produção/consumo de notícias.

Mas se o Sistema Braille pode ser comparado ao Sistema Tipográfico de Gutenberg, no que se refere às profundas mudanças no acesso à informação que ambos trouxeram para cegos e videntes, a Internet também pode. A era digital do jornalismo permitiu que coletividades cegas, até então excluídas da produção/consumo de conteúdos noticiosos, pudessem acessá-los.

Em linhas gerais, a trajetória das pessoas cegas na ambiência virtual pode ser exposta da seguinte forma:

os anos setenta trazem à luz as primeiras experiências de integração das coletividades cegas ao mundo da informática. Trata-se de um

desenvolvimento lento, que terá como figuras centrais, programadores cegos, atuando com periféricos cuja base principal de acesso era a síntese de voz.

A década dos noventa promoverá, a partir do desenvolvimento dos computadores pessoais, um incremento nos processos de síntese de voz, agregado ao barateamento de computadores e suprimentos, permitindo que as coletividades cegas instalem-se de vez na cibercultura.

Ao lado desses desenvolvimentos convencionais, periféricos voltados ao aproveitamento da interface braile também foram criados. A tecnologia trazia à luz, processos híbridos, em que se combinavam o código tátil, através do braile digital e o suporte da oralidade, a partir da síntese de voz.

Os últimos desenvolvimentos desse processo, culminando com a web 2.0 e 3.0, onde conteúdos como jornais, livros, imagens e todos os outros processos comunicativos nas mãos dos usuários também afetam os indivíduos cegos. Smartphones e tablets com tecnologia nativa inserida, através da síntese de voz, permitem que esses indivíduos possam produzir, distribuir e acessar conteúdos os mais variados. (SOUSA, 2014, p. 7-8).

Este pequeno retrospecto demonstra que a participação das coletividades cegas no âmbito virtual deu-se de forma lenta e gradual, ao longo de quatro décadas. No entanto, trata-se de um espaço temporal sobremaneira curto quando comparado aos séculos que exclusão que foram experimentados pelos cegos no que se refere ao consumo de conteúdos jornalísticos.

Apesar dos avanços registrados ao longo dos últimos anos, ainda existem barreiras a ser enfrentadas para o pleno acesso do leitorado com deficiência visual aos produtos jornalísticos na web.

Exclusão visível: as deficiências do jornalismo

Na ótica da cidadania comunicativa das pessoas com deficiência visual, sob a qual se debruça Bonito (2015), constata-se que as questões concernentes à acessibilidade dos conteúdos produzidos e distribuídos na web recebem pouca atenção no Brasil, tanto na visão empresarial quanto do conteúdo produzido de forma independente. Segatto (2015) reconhece que o webjornalismo traz em si a potencialidade para implementação de estratégias de acessibilidade, que, no entanto, não são colocadas em prática.

Isso se reflete na falta de navegabilidade e usabilidade de aplicativos de grandes jornais e revistas como O Globo, Folha de São Paulo, Carta Capital, entre outros, cujos conteúdos são disponibilizados como imagem, o que inviabiliza a leitura dos cegos através dos programas de síntese de voz.

Quando transposta ao contexto da Paraíba, esta realidade não é muito diferente. Araújo (2015) analisou as versões digitais de três jornais do Estado (Jornal A União, Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba) no que concerne à acessibilidade. O autor entrevistou cinco pessoas cegas para avaliar a acessibilidade dos jornais online, “investigando operadores como: facilidade de acesso, interatividade, e a existência ou não, de estratégias de acessibilidade voltadas a essa parcela da sociedade no webjornalismo paraibano.” (ARAÚJO, 2015, p. 61).

Com base nos depoimentos, o autor constatou

que o Jornal da Paraíba, mesmo apresentando limitações, possibilitou uma experiência mais confortável no tocante à navegabilidade e aos processos de interação e consumo dos conteúdos pelas pessoas com deficiência visual, quando comparado ao Correio da Paraíba (ARAÚJO, 2015, p. 79).

Contudo, “é importante considerar que nos dois jornais observam-se erros que constituem barreiras à acessibilidade universal.” (ARAÚJO, 2015, p. 78). Atualmente, o Jornal da Paraíba não circula mais na versão impressa, mas, à época, o veículo mantinha uma

Versão Digital para Deficientes Visuais – VDDV, aplicativo lançado em outubro de 2008, o que conta com recursos multimídia e interativo a pessoas com deficiência visual. A proposta do VDDV é disponibilizar na íntegra o áudio das notícias da edição impressa do jornal (ARAÚJO, 2015, p. 38).

Tal iniciativa demonstra a preocupação do veículo em oferecer conteúdo acessível aos leitores, quando ainda estava em circulação. Ainda assim, o VDDV sofria críticas dos usuários pela necessidade do uso do mouse, o que também impõe barreiras à acessibilidade dos cegos, ainda de acordo com o autor.

O jornal A União online, por seu turno, não foi considerado responsivo, já que o conteúdo era disponibilizado como imagem, o que impossibilitava que os softwares

leitores de tela utilizados pelas pessoas cegas tivessem acesso ao que era veiculado. Tal constatação cria um paradoxo em relação ao jornal A União no que se refere à inclusão e acessibilidade dos leitores cegos, haja vista que desde outubro de 2017, ele disponibiliza mensalmente uma edição impressa em braille, sobre a qual versaremos no tópico seguinte.

Na ponta dos dedos: o jornal A União em braille

Diante das deficiências do webjornalismo apresentadas no tópico anterior, a edição mensal de A União em braille se apresenta como uma opção às pessoas com deficiência visual acessarem conteúdos jornalísticos.

Impresso mais antigo da Paraíba e quarto mais antigo do Brasil, A União foi fundado em 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente da Paraíba Álvaro Machado, tornando-se órgão oficial do Governo do Estado, de acordo com Arruda (2015).

Em reportagem publicada no dia 18 de fevereiro de 2017, assinada pela jornalista Camila Alves, A União noticiou a aquisição de uma impressora braille, com investimentos na ordem de R\$ 30.000 (trinta mil), oriundos de recursos próprios, através de processo licitatório. Ainda de acordo com a matéria, em 2015 o jornal iniciou um projeto experimental em parceria com a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – Funad, para a confecção de um jornal em braille impresso mensalmente, que reunia as principais reportagens do mês, além de um apanhado dos principais assuntos do dia seguinte.

Em 30 de outubro de 2017, a Sala de Imprensa Braille de A União foi inaugurada, contando com as presenças do governador Ricardo Coutinho, da presidente da Funad, Simone Jordão e da superintendente do jornal, Albiege Fernandes. De acordo com reportagem publicada pelo próprio jornal no dia seguinte, 31 de outubro, assinada por Cardoso Filho, as edições de A União em braille visam permitir o acesso à informação para cerca de 8.000 (oito mil) deficientes visuais na Paraíba. No entanto, atualmente apenas 125 leitores, entre pessoas cegas e com baixa visão, alfabetizadas em braille, recebem o periódico.

A União em braille é distribuído em João Pessoa pelos entregadores do jornal. No interior do estado, a entrega é feita por meio dos Correios em parceria com uma empresa privada, chegando a 13 (treze) cidades.⁴

A Sala de Imprensa Braille de A União conta com dois funcionários: Nilberlândio da Silva Lucena e Otto Moreira. Todos os dias são selecionadas matérias não factuais que, ao final do mês, são submetidas à análise do Conselho do jornal, que escolhe vinte notícias para publicação, além de um artigo de opinião. Ao final do processo, o jornal é impresso e revisado por Otto, que tem deficiência visual.

Figura 2: Sala de Imprensa Braille de A União. A impressora braille encontra-se ao fundo dentro de uma caixa acústica. No primeiro plano, Otto Moreira está revisando uma das edições do jornal em braille.



Fonte: Página do Facebook de A União.⁵

Apesar de pioneira na Paraíba, a impressão de jornais em braille não é inédita no Brasil. De acordo com Cavalcante e Cirne (2017), os jornais Diário do Nordeste e O Povo, no Ceará, foram os primeiros a disponibilizar edições em braille, ainda na década de 1990.

⁴As cidades do interior que recebem o jornal são: Pombal, Distrito de São Pedro, Santa Rita, Esperança, Cajazeiras, Sousa, Campina Grande, Mamanguape, Desterro, Sapé, Rio Tinto, Mataraca e Patos.

⁵ Disponível em: <

<https://www.facebook.com/search/top/?q=Jornal%20A%20Uni%C3%A3o%20braille>>. Acesso em: 25 abril 2018.

Mais recentemente, no dia 16 de abril de 2008, o Diário de Pernambuco passou a ser impresso em braille todos os dias⁶. A iniciativa fez com que o jornal conquistasse o Prêmio Esso na categoria de Melhor Contribuição à Imprensa, naquele ano. Os exemplares em braille eram distribuídos gratuitamente às instituições de apoio às pessoas com deficiência visual em todo o estado de Pernambuco, numa parceria do jornal com a Cooperativa do Produtor Portador de Deficiência (Codefil).

Por falta de patrocínio, o projeto foi finalizado cinco meses depois do lançamento. A impressão de um jornal em braille é considerada custosa, de acordo com Sousa (2014). Para cada linha em tinta do jornal, são necessárias três em braille. Os exemplares do Diário de Pernambuco em braille tinham cerca de 50 (cinquenta) páginas⁷.

O braille, no entanto, continua a ser o meio de leitura e escrita natural para pessoas com deficiência visual. Permitir o acesso à informação por meio do sistema pontográfico é uma iniciativa relevante para promover a cidadania e a inclusão social. No tópico seguinte, traremos as opiniões de quatro leitores do jornal, dois cegos e dois com baixa visão, a respeito de cinco temas centrais de A União em Braille: importância, deficiências do jornal, periodicidade, destino dado ao impresso e hábitos de leitura.

As identidades dos entrevistados foram preservadas, por isso, eles serão referidos como E1, E2, E3 e E4, respectivamente. As entrevistas foram realizadas nos dias 23, 24 e 25 de abril do corrente ano, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, com estudantes cegos e de baixa visão selecionados aleatoriamente. Foram gravadas pelo celular e depois transcritas.

E1 tem 29 anos, baixa visão e leciona informática básica para pessoas com deficiência, além de adaptar materiais em braille para escolas estaduais; E2 tem 20 anos, cega e estudante de Pedagogia; E3 tem 41 anos, é cego e estudante de Pedagogia; e E4, tem 31 anos, baixa visão, pedagoga e atua como transcritora de textos braille no Centro de Apoio Pedagógico e Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual do Estado da Paraíba.

⁶ Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/1848742>>. Acesso em 25 abril 2018.

⁷ Disponível em: < <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4267165&disposition=inline>>. Acesso em 25 abril. 2008.

Importância

E1	“Nada como ler em braille, porque existem os materiais que são digitalizados, mas eles não são tão importantes; e hoje, para uma pessoa com deficiência ter condições de ler um jornal é de grande importância, porque a gente sempre espera que os outros leiam uma ou outra reportagem para a gente, se for um jornal impresso, em papel, mas a gente poder ler é maravilhoso, a gente ter o contato com o próprio jornal é maravilhoso”.
E2	“A importância dele é que traz acessibilidade para nós com deficiência visual; isso é muito importante porque saem ‘n’ jornais em tinta... tudo sai em tinta! Às vezes a gente... nos outdoors, nas coisas, não têm braille! Então, o jornal é um avanço que sociedade precisa, não só no jornal, mas em tudo, mas o jornal é um avanço bom, porque traz acessibilidade.”
E3	“Eu recebi algumas vezes por causa da Funad, e daí, parou... e quando começaram, o Jornal A União, eu recebi uma ligação para autorizar e estou recebendo periodicamente. Apesar de estar sempre ligado nas informações via rádio, televisão, que eu gosto demais, o jornal em braille também vem me incentivar à leitura, e algumas informações, eu confesso, do Jornal A União, inclusive agora na última edição eu li e ainda não havia tomado conhecimento através de outros veículos de comunicação, como por exemplo: ‘o Instituto dos Cegos reivindica sinais sonoros’, saiu no Jornal A União e, na realidade, em outras vias não sai.”
E4	“Recebo o jornal em minha residência sistematicamente, mensalmente, sem nenhum intervalo, desde o mês de novembro, que foi quando o jornal começou a enviar uma edição em braille. Só que já tinha recebido num primeiro momento, há um tempo atrás, as primeiras edições, primeiras tentativas de se criar uma imprensa braille. A importância disso é que é mais um meio da pessoa cega ou com baixa visão ter acesso às informações. A gente sabe que tem muitas informações nas redes, na internet, mas quando a pessoa tem uma opção a mais de ter o acesso à leitura, aí se dá a grande

importância de ter acesso às edições em braille. Eu sou uma pessoa com baixa visão, mas sempre li em braille, desde a minha infância; tem aqueles que preferem usar um leitor de tela no computador e tem aqueles que gostam de ler em braille; eu gosto das duas formas.”

Deficiências do jornal

E1	“Eu acho que não existem deficiências porque o trabalho é importante e eles estão se adaptando cada vez mais. Eu acho que as dificuldades que existem como probleminhas de impressora... são dificuldades, mas eu não considero deficiências, não; eles estão se adaptando e o pessoal está fazendo cada vez melhor o que pode. A única coisa que eu acho é que deveria contratar mais pessoas porque fazer braille não é fácil, editar, adaptar não é um processo fácil.”
E2	“Só os atrasos na chegada, às vezes...”
E3	“Algumas letras do braille – acho que por problema na impressora – está faltando pontos. A letra ‘p’, por exemplo, às vezes está faltando o pontinho 3, aí fica o ‘f’, mas dá para interpretar a palavra, mas problema só no braille, mas está tranquilo... Acho que o jornal poderia dar oportunidade para os segmentos [de pessoas com deficiência] poderem postar as notícias, afinal a gente sempre tem notícias sobre eventos e eu acho isso interessante; o jornal poderia colaborar com essa forma que a gente sugere de representatividade.”
E4	“Não, nenhuma deficiência, nenhum defeito.”

Periodicidade

E1	“Acho que deveria contratar mais gente e fazer com que o jornal chegasse semanalmente. Eles selecionam algumas notícias (o que dá para fazer no momento) ... por falta de pessoas, eles estão selecionando algumas notícias e mandam; mas, se começasse pelo menos a mandar por semana, não todo dia, mas por semana, e aí ir se adaptando, mas tem que haver um investimento da parte do pessoal do jornal, mas seria interessante. Já é um grande avanço a gente ter ele mensal, já é um grande avanço! Mas a gente espera que o jornal
-----------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	faça mais... acho maravilhoso esse projeto e espero receber o jornal todo dia.”
E2	“Acho bom. Porque braille, você vê a demanda de folhas que são gastas... E, vamos lá, tem gente que chega em jornal diariamente, mas nem sempre eu vou ler.... É conversa! Mal leio os textos [da faculdade].”
E3	“Eu acho suficiente. Eu acredito que se, talvez fosse diário ou semanal, ia fazer aquela montanha de jornal, de papel, sem necessidade, porque as notícias que vêm vinculadas nesse jornal do mês são notícias que não tem tanta urgência de saber no dia; então é suficiente o período que a gente toma conhecimento dessas notícias. As notícias têm que, de fato ser as principais, não precisa trazer todas as notícias possíveis... as que o jornal traz acredito que sejam suficientes.”
E4	“O que a gente sonha é que sejam ampliadas o número de edições. Por exemplo: é uma a cada mês; se a gente passar a receber duas a cada mês, aí a gente vai ter acesso a mais matérias. Como é um resumo mensal, se a gente passar a ter dois resumos mensais e, depois, três resumos mensais...”

Destino dado ao impresso

E1	“Eu deixo lá. Confesso que vou amontoando, amontoando... Braille é muito volumoso, aí fica lá... dá uma pena de jogar fora, teria que arrumar um espaço para guardar.”
E2	“Acabo tendo que jogar [fora], porque não tenho espaço para guardar ele. Se eu for colocar os textos, preciso de uma biblioteca do tamanho da setorial daqui ou uma Central logo!”
E3	“Eu tenho um movelzinho, onde eu tenho os conteúdos..., mas eu deixo ele sobre a estante, antes de ler; aí quando eu leio... eu tenho lá quatro, cinco edições, que ‘tão’ lá... às vezes eu preciso... precisei agora para fazer um trabalho, procurei notícias lá, e foi legal para elaborar o meu trabalho...”
E4	“Ultimamente eu estou guardando o jornal, mas depois eu vou estar recebendo um grande número de jornais e não vou ter como guardar; por enquanto está dando para guardar porque só são 6 (seis) meses de recebimento e alguns meses até atrasou, mas aí já é um problema dos Correios, não é do jornal. Aí

eu já percebo a necessidade de ter mais profissionais lá, atuando...”

Hábitos de leitura

E1	“Geralmente leio todo. As notícias vão sendo interessantes e é tão prazeroso você ter o jornal em casa que a pessoa vai lendo, lendo... O que eu acho mais interessante são as colunas. E, às vezes quando atrasa, a gente fica esperando logo...”
E2	“Leio parte, quando tem avanços em alguma coisa...”
E3	“Como na capa vem os tópicos, eu acho interessante, eu leio o que me interessa, mas depois eu faço uma leitura total... por isso que, às vezes chega o jornal eu passo três, quatro, cinco dias para poder ler...”
E4	“Todo eu não leio, não... eu vejo a matéria que me interessa, coisas sobre política... não leio todo, não. Eu acho que todo leitor é seletivo, então eu também sou uma leitora seletiva.”

Considerações finais

Diante do exposto, evidencia-se a relevância do trabalho realizado pela Sala de Imprensa Braille do jornal A União. Dadas as barreiras que continuam a se interpor ao acesso das pessoas com deficiência visual ao jornalismo distribuído nas múltiplas plataformas de mídia, e o fato de a deficiência visual ser a que mais afeta a população, a impressão de um periódico em braille consolida-se como uma alternativa viável para que esse público possa se informar.

O fato do jornal em braille ser produzido por um órgão ligado ao Governo do Estado da Paraíba, também é um ponto a ser considerado, diante do suporte estatal no aporte de recursos. As outras iniciativas aqui relatadas, registradas no Ceará e em Pernambuco, foram encampadas por entidades privadas e a confecção de um jornal em braille é onerosa, uma das razões pelas quais as empresas de mídia por vezes não consideram as pessoas com deficiência visual como consumidoras de notícias.

Quanto à periodicidade do jornal, as visões dos quatro entrevistados foram polarizadas: dois acreditam que não é necessário aumentar a periodicidade do jornal; os

outros dois consideram que mais edições seriam o ideal. A respeito deste ponto, consideremos o exemplo dos jornais impressos em tinta. Muitos deles estão sendo extintos. Os que sobrevivem, investem num jornalismo de profundidade, analítico. Uma das possibilidades para o jornal A União em braille talvez seja se aprofundar mais nos assuntos abordados, e não meramente reproduzir os conteúdos das notícias factuais, além de investir artigos de opinião e na análise dos fatos, bem como segmentar as notícias para o público ao qual se destina – iniciativas que atenuam o lapso temporal entre uma edição e outra.

A precibilidade do papel do jornal em braille também se aplica ao jornal em tinta. Em ambos os casos, espaços serão comprometidos para acomodá-los. O jornal em braille, por seu turno, termina por ocupar mais espaço, já que uma linha em tinta corresponde à três em braille. Mas o descarte é algo natural depois de transcorrido algum tempo. Por fim, ressalta-se a necessidade de ampliação deste projeto, seja em número de funcionários, seja na quantidade leitores alcançados, já que de 8 mil deficientes visuais, apenas 125 recebem o periódico.

Uma última consideração a ser feita é a respeito da versão digital de A União. Os exemplares diários do jornal são disponibilizados como imagem e por isso não podem ser lidos pelas pessoas com deficiência visual, que fazem uso de softwares leitores de tela. Tal constatação cria um paradoxo em relação ao jornal, que investe na impressão de versões em braille, mas não disponibiliza suas edições online com recursos de acessibilidade. Ainda assim, a iniciativa do jornal é um passo considerável na inclusão e consolidação da cidadania comunicativa das pessoas com deficiência visual.

Referências

ALVES, Camilla. União amplia acessibilidade adquirindo impressora em Braille. *A União*, João Pessoa, p. 3, 18 fev. 2017.

ANJOS, Daiana Zanelato dos. **Da tinta ao Braille**: estudo de diferenças semióticas e didáticas dessa transformação no âmbito do Código Matemático Unificado para a Língua Portuguesa – CMU e do Livro Didático em Braille. 2015. 161 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

ARAÚJO, Valter Barbosa de. **Leitores especiais de jornais: um estudo sobre estratégias de acessibilidade de pessoas cegas ao webjornalismo paraibano.** 2015. 103 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2015.

ARRUDA, Kalyne Barbosa. **Os anúncios no Jornal A União (1904-1937): a propagação da modernidade pedagógica na Paraíba.** 76 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BAPTISTA, José Lages Salgado. **A invenção do Braille e a sua importância na vida dos cegos.** Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência/Comissão de Braille, 2000.

BEILFUSS, Leticia Paola; BONITO, Marco Antônio. **Existe conteúdo jornalístico acessível?** Uma análise dentro da redação do Grupo RBS. *In: Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.* Curitiba, 2017.

BONITO, Marco Antônio. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil.** 2015. 351 p. Tese (Doutorado) – Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência.** IBGE, 2012. 32 p.

CARDOSO FILHO. Governador inaugura sala de Imprensa Braille em A União. *A União*, João Pessoa, p. 5, 31 out. 2017.

CAVALCANTE, Bárbara Fernandes de Oliveira; CIRNE, Lívia. **Deficiência do jornalismo: uma investigação preliminar sobre a falta de recursos acessíveis nos portais de notícia do Brasil.** *In: Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.* Fortaleza, 2017.

SEGATTO, Karine Arminda de Fátima. **Acessibilidade e multimídia no webjornalismo da América do Sul.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SOUSA, Joana Belarmino de. **Jornalismo e acessibilidade: apontamentos sobre contratos de leitura para efeitos de reconhecimento de leitores especiais de jornais online.** *In: 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo.* Campo Grande, 2014. Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor5/files/2014/07/joanabelarmino.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SOUSA, Joana Belarmino de. Tactibilidade e mobilidade: o desafio da acessibilidade nos agregadores de notícias. *In: SILVA, Fernando Firmino da (Org.). Transmutações no jornalismo.* Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 119-145.

SOUSA, Joana Belarmino de. **O que vê a cegueira:** a escrita braille e sua natureza semiótica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 196 p.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma breve história do jornalismo no Ocidente.** Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2018.